

“O FOLCLORE GAY DE PELOTAS”: sobre uma representação que se atualiza na história da cidade.

Gláucia Lafuente Monteiro*

RESUMO: Este artigo trata da representação que se constrói sobre a cidade de Pelotas, ou seja, de ser esta uma cidade reconhecida, praticamente em todo o Brasil, a partir de seu **folclore gay**¹. Representação esta que se atualiza, fazendo com que a cidade de Pelotas seja traçada com um caráter distintivo de valores urbanos. Saliencia-se que a perspectiva aqui abordada, contempla a visão compartilhada entre aqueles a quem esta representação se refere. De outra forma, observam-se as relações no espaço masculino, decorrentes da representação de “frescura” que recai sobre a cidade de Pelotas.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade, homossexualidade, antropologia, história.

A temática deste artigo apresenta uma interface entre Antropologia e História, apresentando-se enquanto uma interpretação dos significados atribuídos à cidade, através de uma representação que se atualiza. Em outras palavras, a temática deste artigo situa-se não somente nos campos da Memória e Gênero, mas, principalmente, na própria idéia de Cultura construída pela cidade. (GEERTZ, 1989).

Situei como objetivo central deste artigo, compreender e analisar a representação² que é feita sobre a cidade de Pelotas, no sentido de identificar como o grupo a quem a representação genericamente se refere - homossexuais masculinos - (re)elabora esta visão e, ao mesmo tempo, busca-se perceber as relações estabelecidas entre homens na cidade.

O trabalho de campo privilegiou observações e entrevistas em profundidade de orientação etnográfica. As entrevistas compreenderam um grupo de 10 homossexuais masculinos, pertencentes a classe média pelotense, residentes em Pelotas. Todos compartilham de um “saber letrado”, tendo a grande maioria iniciado e/ou concluído um 3º. grau de escolaridade. Pertencem a uma faixa etária variada e suas ocupações se dividem em funcionários públicos e profissionais liberais (professores, jornalista, cabeleireiro, estilista, artista plástico e outros). O critério de escolha para a formação desse grupo, deu-se através da indicação entre os próprios informantes, possibilitando-me, portanto, o ingresso na rede dos mesmos. Aqui destaco o que considereei como “informante chave” deste trabalho, não somente por ter sido o primeiro depoimento, mas porque “abriu-me as portas”, para que eu ingressasse na rede dos informantes, bem como pela postura tomada por ele no desenvolvimento desse trabalho, auxiliando-me, de forma considerável, para a sua realização, explicitando-me a sua expectativa de que essa pesquisa “tomasse corpo” e fosse “exposta à sociedade pelotense”.

Juntamente às entrevistas, realizaram-se ainda, como estratégia, consultas à documentação, e referências bibliográficas, entre estas, algumas escritas por homossexuais pelotenses - TRIZ, Mini Jornal Ponto Gay Clube - aspecto esse que veio a contribuir de maneira significativa para o trabalho.

Acredito desta forma que a importância deste artigo situa-se ao dar voz aos sujeitos a quem esta representação se refere e, desta forma, explicitar aspectos por ela silenciados, os quais considereei como o caráter distintivo desta representação. Sustenta-se aqui a idéia de que

* Graduada em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel).

¹ Fonte: Referência dada à cidade de Pelotas pelo Jornal Zero Hora, Porto Alegre, 06/12/1995.

² Imagem mental da realidade social (Magnani in Ruth Cardoso (org.) 1988, 127-8).

“O Folclore Gay de Pelotas”: sobre...

a cidade traçou-se desde seus primórdios, enquanto Freguesia de São Francisco de Paula, até a atualidade, com um caráter distintivo e, como procurarei mostrar no seu desenvolvimento, este caráter reelabora-se, atualizando-se na história da cidade.

Neste sentido, procurar-se-á, numa primeira parte, explicitar aspectos históricos da própria formação da cidade e sua provável relação com a representação que sobre ela se sustenta.

Num segundo momento, propõe-se discutir a atualização desta representação a partir dos próprios sujeitos sobre quem esta recai, bem como perceber conflitos e ambigüidades presentes nas relações sociais masculinas da cidade.

A história de uma representação de cidade

O universo temático que este trabalho abrange, situa-se, primeiramente, no próprio meio histórico/social, do qual, aparentemente, se origina esta representação: a cidade de Pelotas, especificamente o final do século XIX. Neste período, o Rio Grande do Sul caracterizou-se, principalmente, por ser uma região pastoril, onde a figura em destaque constituiu o gaúcho - homem do campo, forte, montado em seu cavalo, símbolo de masculinidade e virilidade.

Em meio a este contexto regional, a Princesa do Sul, como muitas vezes Pelotas fora denominada, crescia e desenvolvia-se com a indústria do charque, principalmente a partir da década de 60 do século XIX, quando a então cidade de Pelotas atinge um crescente desenvolvimento econômico e político (extremamente interligados), conforme Mário O. Magalhães:

“A área das charqueadas, praticamente restrita ao município de Pelotas, permanece sendo o núcleo de maior circulação monetária e acumulação de capitais, sofrendo agora um amplo processo de modernização, estimulado pelo restabelecimento da concorrência platina, a proibição do tráfico negreiro e a inclusão das estâncias do norte da Província como fornecedoras de gado para abate. Os estabelecimentos se remodelam, com a introdução paulatina de inovações tecnológicas e relações de trabalho assalariadas. Surgem indústrias complementares, como curtumes e fábricas de sabão e velas; diversifica-se a aplicação do capital em outras atividades. Em conseqüência de uma maior comercialização e beneficiamento da carne, intensificam-se as operações de crédito, as transações bancárias, que vão complementar uma das redes econômicas mais lucrativas da Província até os primeiros anos da República. (MAGALHÃES, 1993:79)

De fato, a indústria do charque, além de princípio fundamental da economia de Pelotas durante o século passado, constituiu, na época, um fator preponderante para a geração de riquezas e que acabou por transformar Pelotas em uma espécie de centro cosmopolita, onde o charque direcionou para seus charqueadores e estancieiros, o acúmulo de fortunas, bem como prestígio social e político, este último observado no número de representantes pelotenses no Parlamento do Império. É desta época, que remonta o maior número de cidadãos pelotenses agraciados com títulos nobiliárquicos, dando um tom aristocrático à sociedade pelotense. (MAGALHÃES, 1993:119)

Tendo em vista o cenário de opulência da época, as famílias mais favorecidas pela cultura do charque, enviavam seus filhos à Europa, principalmente à França, a fim de que lá

realizassem seus estudos, nas mais importantes e conceituadas escolas e universidades européias.

Os filhos destes charqueadores e estancieiros, ao retornarem ao seu lugar de origem, foram considerados “efeminados”, pelo fato de trazerem consigo certos hábitos sociais e costumes europeizados, adotando maneiras diferenciadas de viver (trajes, pomposidades no estilo de residir e receber, etc.) se comparados ao modo de vida do restante da população riograndense.

No que tange ao perfil de opulência dado a Pelotas no século passado, são inúmeros os depoimentos de viajantes, que aqui se estabeleceram ou simplesmente deixaram suas impressões a respeito da cidade, que vêm a comprovar traços de riqueza, luxo, pomposidade, refinamento e cavalheirismo - marcas de uma urbanidade que prospera - que, segundo aqueles, distinguem fortemente Pelotas em relação ao restante da, então, Província de São Pedro do Rio Grande do Sul.

Nas palavras de um jovem oficial alemão Carl Seidler em visita a Pelotas em 1827, percebe-se claramente a idéia de uma cidade cosmopolita:

“Esta localidade distingue-se vantajosamente das outras cidades [do Brasil] pelos bonitos arredores, bem como pela riqueza dos seus habitantes [...]. Tanto aqui como no Rio Grande há muitos europeus, que possuem importantes estabelecimentos e que certamente pela influência do seu dinheiro e de sua cultura têm contribuído consideravelmente para que os habitantes tenham mais civilização e mais gosto pela vida social e mais trato amigável do que nas outras regiões.” (MAGALHÃES, 1993:47)

No que se refere a atitudes cavalheirescas predominantes em Pelotas, o viajante prossegue:

“Se bem que também aqui seria considerado grande incorreção oferecer o braço a uma senhora - não sendo esposa, irmã ou noiva - é entretanto permitido, dentro do mais severo catecismo da decência, estando presentes mais pessoas da família, falar com ela e mesmo gracejar, o que já é extraordinariamente significativo em comparação com a **casmurrice anti-cavalheiresca que predomina no resto do Brasil.”** (MAGALHÃES, 1993:48)

Devido aos atributos que Pelotas apresentava, segundo seus visitantes estrangeiros, ela pôde ser comparada à Europa, ou mais especificamente a Paris. O francês Nicolau Dreys, em 1839, teceu, entre tantas outras, as seguintes idéias a respeito de Pelotas:

“[...] pouco mais de vinte anos bastaram para fazer, de uma aldeia insignificante [...] uma vila suntuosa, composta de edifícios aparatos, ornados de todo o **luxo da Europa.”**(MAGALHÃES, 1993:50)

“[...] a par do carro popular, tosca testemunha da antiga indústria local, anda ligeiro carrinho de construção européia, como também entre os cavalos arreados de prata, luxo especial dos homens do país, aparecem ginetes ricamente ajazados com selins bordados por mãos inglesas e montados por **senhoras que não cedem em elegância e boas maneiras as mais graciosas parisienses.”** (MAGALHÃES, 1993:51)

Diante das idéias de riqueza e prosperidade à que Pelotas fazia jus, conforme o discurso de muitos de seus visitantes - considero importante ainda explicitar a impressão do

príncipe Gastão d'Orleans, Conde d'Eu (marido da Princesa Isabel), que aqui esteve durante uma breve passagem de nove dias em 1865, por retratar, explicitamente, as idéias acima referidas:

*"Depois de ter percorrido por duas vezes em toda a sua largura a Província do Rio Grande do Sul, depois de ter estado em suas pretensas vilas e cidades, Pelotas aparece aos olhos cansados do viajante como uma **bela e próspera cidade**. As suas ruas largas e bem alinhadas, as carruagens que as percorrem (fenômeno único na Província), sobretudo os seus edifícios, quase todos de mais de um andar, com as suas elegantes fachadas, dão idéia de uma **população opulenta**. De fato, é Pelotas a cidade predileta do que eu chamarei a aristocracia rio-grandense, se é que se pode empregar o termo aristocracia falando-se de um país do novo continente. Aqui é que o estancieiro, o gaúcho cansado de criar bois e matar cavalos no interior da campanha, vem gozar as onças e os patacões que ajuntou em tal mister."* (MAGALHÃES, 1993:87)

Diante de tais depoimentos, fica-me clara a idéia de uma marca distintiva, atribuída à cidade de Pelotas, idéia esta, cunhada pela cidade durante o século passado e que, emerge-se em dois focos: de um lado, ter-se-ia a cidade de Pelotas que, por sua opulência, traçou-se como um espaço bastante "urbanizado" e "sofisticado" em relação ao restante do Rio Grande do Sul (Província de São Pedro do Rio Grande do Sul), visto, genericamente, como a região dos pampas, enfatizado como um espaço "rural" e "rústico". Por outro lado, esta marca distintiva vincula-se a um conceito de masculinidade um tanto quanto restrito e que operou de modo a segregar o diferente; em outras palavras, os considerados "requintados" valores aqui cultivados, foram interpretados como demonstrações de "frescura".

Durante o decorrer do trabalho de campo, percebi no discurso dos informantes, tal como os viajantes/visitantes do século passado, os mesmos atributos dados à cidade de Pelotas que reafirmam a idéia de uma marca distintiva, defendida anteriormente, ou seja, ora essa está vinculada a opulência da cidade, ora expressada por tensionamento no que se refere a visão de masculinidade predominantemente compartilhada pela sociedade gaúcha da época. Para explicitar melhor, o quanto esta marca distintiva percorre o tempo, trago os seguintes depoimentos de informantes:

*"No passado, as famílias ricas e poderosas, mandavam seus filhos para a Europa ... e vinham de lá com **banhos de cultura, banhos de liberdade** pelo fato de lá, estando longe de seus pais, eles se soltarem ... aqui era tudo proibido, escondido, por causa do **machismo**."* (Otacílio José, artista plástico, 51 anos)

*"A história é a seguinte: os filhos dos donos das charqueadas iam estudar na Europa, e, vinham educados, com roupas e um certo requinte para uma espécie de **grossura** e por aí vai ..."* (Nicolas, professor, 31 anos)

*"... na época das charqueadas, as pessoas, filhos dos senhores iam estudar fora. Recebiam uma boa educação, cultura, praticamente eles iam para uma outra civilização ... e, quando voltavam, eram recriminados pelos que aqui estavam, que eram um **bando de caipiras**."* (Marcos, estilista, 42 anos)

*"... os detalhes aqueles da fundação de Pelotas ... Os aristocratas da época mandavam seus filhos irem estudar fora, Paris, França e quando vinham, traziam uma outra formação. **Imagina a nossa cultura com a cultura de lá!**"* (Matheus, bancário aposentado, 56 anos)

Diante do que foi exposto, percebe-se o quanto a Representação de *frescura*, encontra-se, como sustentei no início deste trabalho, vinculada a própria formação histórica da cidade, principalmente no período específico do auge da economia pelotense (finais do século

XIX) e, que tal representação, não se trata de uma mera “sobrevivência cultural”, pelo contrário, se atualiza, e é reelaborada a partir do “saber letrado” do grupo pesquisado, onde, como veremos no próximo item, demonstra o forte caráter distintivo e positivo emergente desta representação.

“Pelotas é o máximo”: uma história que se atualiza

“Se é verdade que o forasteiro penetra no coração do Rio Grande quando chega a Pelotas, é porque Deus ao fazer esta terra, por certo sorria!” (OSÓRIO, 1962:4)

Embora tenha se passado mais de três décadas, o enunciado acima demonstra um conteúdo latente e condizente com a atual visão que predominantemente foi explicitada pelos informantes, quando questionados, ao fato de como é viver em Pelotas, tendo em vista a representação que se sustenta sobre a cidade. Atenta-se aqui para a relação que se firmou entre a representação, propriamente dita, e a visão atual compartilhada pelos informantes, sobre a cidade de Pelotas.

Inicialmente, considero importante salientar que o próprio título deste capítulo, foi literalmente retirado de um dos tantos fascículos - que recebi dos informantes - de nome “Mini Jornal Ponto Gay Clube”, escrito por um homossexual, com assuntos variados e que segundo um dos informantes, *“Havia alguns jornais, mas que circulavam entre nós, eram jornalzinhos, poucos exemplares, datilografados ... o Ponto Gay Clube era distribuído gratuitamente, o mais social de todos”*. (Luan, bordadeiro, 54 anos)

Ao transportar para a atualidade a representação de frescura dada à cidade, constatei, no discurso dos informantes, em sua unanimidade, que a representação que é feita, segundo esses, encontra suas origens em um período específico, ou seja, remonta-se à época em que Pelotas, devido ao êxito de sua indústria saladeril, obteve um expressivo crescimento econômico que se manifestou em diferentes setores da vida pelotense, tendo destaque a valorização dada às artes em geral³, arquitetura, urbanismo entre tantos outros aspectos.

“...A cidade tá pagando o preço por ter sido a capital econômica no século XIX e inscreveu o Rio Grande em um mundo diferente do mundo “bárbaro” que ele era. A maioria morava em ranchos, enquanto que Pelotas trazia arquitetos para construir casas, aqui na cidade.” (Flávio, funcionário público, 32 anos)

*“...Pelotas tinha uma **pomposidade** desnecessária para o homem gaúcho.”* (Fábio, estilista, 29 anos)⁴

Tendo em vista a visão compartilhada pelos informantes em relação à representação de “frescura” pelotense, percebi o quanto essa representação é reelaborada pelo grupo, ou seja, não a negam, no entanto lhe remetem um caráter pretérito, e que, segundo eles, tal representação não condiz com a realidade atual da cidade, porém através desta “fama” - como é chamada pelo grupo - Pelotas distingue-se novamente, tornando-se notícia em todo o Brasil.

³ Atenta-se para a fundação do Teatro Sete de Abril (1831), que na ordem cronológica foi o quarto teatro brasileiro, e, que, para a época, pode traduzir-se como expressão de interesse e valorização à arte, por parte da sociedade pelotense.

⁴ Informante que desejou ser identificado, tratando-se, portanto, de seu nome legítimo.

“...Pelotas era conhecida como uma caixa de jóias no meio de baionetas, isso durante a Revolução Farroupilha.” (João Alberto, funcionário público, 33 anos)

“Eu acho que essa fama é injusta! Essa fama não faz com que um homossexual viva melhor ou pior aqui! ... A frescura pelotense, hoje, tem uma identidade que ela cunhou, que faz com que ela seja uma cidade com **corte aristocrático**. O que se vê, são pessoas simples, humildes, que, historicamente, sempre foram assim, mas que mantêm um certo **refinamento**... para os de fora é como se os pelotenses tivessem um certo esnobismo. Uma questão de identidade e certas **atitudes cavalheirescas** ajudam a manter a fama de Pelotas.” (Flávio)

É unânime no discurso dos informantes, que Pelotas apresenta, hoje, uma série de características que a cidade adquiriu no decorrer de sua formação histórica, e que, segundo eles, agem de modo a atraí-los, ou seja, propicia uma espécie de identificação entre os homossexuais masculinos e a cidade. Cabe ressaltar que estas características são identificadas com orgulho pelos informantes.

“**O apreço por espetáculos artísticos**. O envolvimento que toda a cidade tem com o movimento artístico... em qualquer lugar do mundo os homossexuais estão ligados com a arte.” (Flávio)

“A maioria das bichas gosta dessas coisas de **aparatos, rococós** ... Pelotas passa muito disso, aquela coisa de fantasia, de palácio, de ricos...” (João Alberto)

“**Pelotas é uma pequena Paris**. Aquele romantismo é o glamour da coisa! ... a coisa do **cavalheirismo, as festas, as roupas, as peles, o perfume, Pelotas é um buquê de flores**.” (Fábio)

Como demonstrativo de que a representação de “frescura” é hoje reelaborada pelos homossexuais, encontrei, no grupo pesquisado, a idéia de que embora a cidade, ou melhor, os atributos a ela referidos possam atrair os homossexuais masculinos, a representação, propriamente dita, não exerce, segundo eles, uma influência maior, ou seja, não vêm a “facilitar” ou “prejudicar” as relações sociais masculinas no espaço pelotense. Para tanto, foram expostos, pelos informantes, os mais diversos argumentos.

Dentre esses argumentos, os mais freqüentes referem-se, primeiramente, a um perfil estatístico da homossexualidade, claramente exposto nos seguintes depoimentos:

“...É um percentual pequeno em relação à grande população de homossexuais. É uma coisa que não é rara! Para se chamar de ícaros, de ilha de homossexuais, isso aí não dá!” (Filipe, jornalista, 28 anos)

“...Em todas as cidades têm homossexuais, assumidos ou inrustidos, mas têm. O número é de acordo com o tamanho da cidade. Claro que em uma cidade menor como Pelotas, irá aparecer mais” (Alex, cabeleireiro, 48 anos)

Um segundo argumento, utilizado por todos os informantes, para sustentar a idéia, segundo eles, da “irrelevância” atual que a representação apresenta, refere-se ao fato de em Pelotas, não haver “espaços definidos”⁵ para a população homossexual, e, neste sentido, entenda-se a homossexualidade tanto masculina quanto feminina. (POLLAK in Ariès, 1987:59)

⁵ É importante salientar que, no período em que foram feitas as entrevistas, existia um bar para homossexuais. Mas, de acordo com a maioria dos informantes, para que a representação da cidade fosse “verídica”, deveria haver vários locais destinados ao público homossexual.

“...se nós tivéssemos (referindo-se ao momento atual) esses lugares especificamente homossexuais, nos afastaria a mais remota possibilidade de fazermos parte da sociedade ... a gente iria continuar sendo um **bicho-papão**.” (Fábio)

Juntamente a este segundo argumento, um outro aspecto encontrado no trabalho de campo, e que considero importante expô-lo aqui, diz respeito ao universo masculino da cidade. Sob o ponto de vista de quem a representação se refere, aparece alinhavada a idéia de “**Acolhimento**” expressada, genericamente, pela cidade, ou seja, segundo os homossexuais entrevistados, a grande maioria diz freqüentar espaços de lazer da sociedade pelotense - saunas, clubes, cinemas, teatro - bem como praticarem esportes, como futebol e musculação, sem que com isto, se forme, segundo eles, alguma espécie de conflito acirrado.

“Eu gosto de fazer tudo que um homem gosta de fazer. Futebol, pescar, dançar, assar churrasco aos domingos; só não gosto de mulher.” (Flávio)

Outro informante quando perguntado sobre as relações sociais entre homens na cidade, espontaneamente responde:

“Eu me dou super bem. Relação normal. Eu faço sauna, musculação, vida normal.” (João Alberto)

De acordo com outro informante, referindo-se aos atributos que Pelotas apresenta, a cidade acaba por viabilizar uma “abertura no campo profissional”⁶ aos homossexuais, o que, a princípio, vem confirmar a idéia de acolhimento:

“...É uma questão de batalha pessoal. Pelotas, ela acolhe o bom profissional, o que tu fazes na cama não interfere...” (Filipe)

Por fim, ainda no que tange a idéia de acolhimento dimensionada pelo grupo, em um outro depoimento, a “Princesa do Sul” aparece, aos olhos do informante, revestida, eu diria, de um caráter quase “edênico”:

“Eu vim para Pelotas passar três meses de férias (é pelotense, estava residindo em outra cidade) e acabei ficando...fazem quinze anos que estou de férias. Na época eu estava vivendo o trauma, a neurose da cidade grande. Eu fui ficando e acabei redescobrando a minha cidade, a **tranqüilidade da Princesa!**” (Otacílio José)

Baseado no que foi exposto até aqui, parece, a princípio, que a representação de frescura atribuída à cidade, expressa-se para o grupo pesquisado como algo tranqüilo, sem criar um espaço de segregação (para aqueles a quem a representação se refere) ou ainda, equivale a dizer-se que “**Pelotas é o máximo!**”. No entanto, como foi dito no início deste trabalho, procurei pautar possíveis tensionamentos, conflitos e relações ambíguas decorrentes da representação que se sustenta sobre a cidade. Neste sentido, o “**caráter quase edênico**”, extraído do discurso dos informantes, é contrastado quando o “**Dr. Pelotas**” entra em cena.

O “doutor pelotas” e suas repercussões ...

⁶ O campo profissional, referido pelos homossexuais, diz respeito a: valorização da beleza pela mulher pelotense (daí muitos cabeleireiros homossexuais conseguirem sucesso em sua profissão), valorização de festas de casamento, debutantes, carnaval, etc. (o que proporciona espaço para que homossexuais se destaquem, enquanto estilistas, bordadeiros, coreógrafos, etc.)

Aqui abro um “parênteses”, para explicitar um fato curioso narrado por um dos informantes - quando questionado sobre o porquê de Pelotas ter a representação de frescura - e que, pela riqueza de seu conteúdo, considero pertinente trancrevê-lo literalmente:

“Na rádio Pelotense, tinha um repórter, o Paulo Corrêa, ele tinha um espaço na rádio, onde fazia comentários, todos os dias, sobre a fama de Pelotas, isso foi mais ou menos na década de 50.

*Ele era baixinho, tinha um calombo nas costas, era todo complexado, e, ainda falava dos outros! Ele chegou a fazer uma campanha na cidade, para que se diferenciassem os homossexuais, daqueles que não eram. Pediu, para que a polícia que encontrasse homossexuais à noite, em praça pública ou em outros locais públicos, que era para a polícia raspar o cabelo (a cabeça) destes homossexuais ... **Existiam lugares para as famílias, ou melhor, para as pessoas de família irem, tipo a Confeitaria Brasil e a Praça Coronel Pedro Osório**, e, este repórter, o Paulo Corrêa, dizia, defendia que estes homossexuais estavam atentando contra a moral das famílias pelotenses...Resumo da história, muita gente chegou a raspar a cabeça, e, quem conseguia se safar, se safava! ... Teve um homossexual que conseguiu roubar a peruca do Cristo da Catedral e começou a desfilar pela praça (a Coronel Pedro Osório), foi o estouro da boiada! Começou a correr pela cidade e, desesperado, foi parar no ‘château’⁷ da Messalina (codinome do autor do jornal, ‘Ponto Gay Clube’, aqui já referido). Os policiais o seguiram e acabaram derrubando todo o muro, botaram o muro da casa abaixo!... Daí, tu imagina, a pessoa que ficava com a cabeça raspada, como ela era vista na família? no emprego? ... Ficava **escurraçado!**” (Mateus)*

Este depoimento foi confirmado por outro informante, Luan (54 anos), que completou-o, narrando-me uma marcha de carnaval que teria sido criada, na época, em referência a dita “campanha” proclamada pelo radialista Paulo Corrêa.

Estes fatos finalmente se congregaram, quando obtive, de um outro informante (Flávio), uma cópia do jornal “TRIZ”, - ano 1, nº. 1, outubro de 1976. Segundo este informante, o jornal teria tido apenas uma única edição, devido ao fato de ter sido distribuído não somente ao público homossexual, mas, propositalmente, espalhado entre as “nobres famílias pelotenses”, que, escandalizadas, impediram que um segundo exemplar deste jornal ocorresse, destruindo o local, onde este era feito. Com relação a este último ponto, devo declarar que durante a pesquisa de campo, não pude confirmar sua veracidade⁸.

No entanto, a questão que se emerge é que de fato houve uma espécie de “campanha” para “moralizar” a cidade, quando homossexuais masculinos foram fortemente marginalizados, mas que de acordo com o próprio autor, Paulo Gilberto da Silva Corrêa⁹, refere-se a esta “campanha”, como:

*“... não acho que existam tantos sepulcros caiados como as pessoas pensam. Nada de Campanha de Moralidade. Eu posso ter cometido, isso sim, o exagero de fazer, como todo mundo de mais ou menos **bom senso** fez, de reclamar em voz alta daquilo que faziam com Pelotas (referindo-se ao programa “Campeonato em Três Tempos” realizado em Porto Alegre, na Rádio Gaúcha, onde teria o personagem “**Dr. Pelotas**”, criado pelo humorista*

⁷ A palavra “château”, em francês significa castelo; no entanto, a mesma foi encontrada em depoimentos (de homossexuais com mais de 40 anos), como referindo-se a diversos locais que teriam existido na cidade, voltados especificamente para encontros e programas entre homossexuais masculinos, havendo inclusive shows de travestis (brasileiros e estrangeiros) famosos.

⁸ Busquei em periódicos da época (ano de 1976) alguma notícia referente ao assunto, mas não obtive resultados.

⁹ Depoimento gravado em Rio Grande, 23/09/96. Paulo Gilberto da Silva Corrêa, 63 anos, pelotense, residindo em Rio Grande há mais de 30 anos, na época exercia a profissão de advogado.

Carlos Nobre, e que tecia comentários, segundo Paulo Corrêa, “jocosos”, sobre a sexualidade pelotense) ... **eu fiz eco, falei na Câmara de Vereadores, falei nos jornais ...** Contraditoriamente P.C. prossegue: **eu acho que não seja muito veraz esse enfoque de que eu tenha liderado uma campanha.** No que tange as cabeças raspadas, Paulo Corrêa afirma: *A delegacia de polícia era na Major Cícero, perto da Professor Araújo, ainda é ... então, defronte havia um barbeiro, e, um inspetor de polícia que apanhou um dos **filhinhos de papai, de família abastada de Pelotas, em situação de delinquência.** Parece que bateram boca, houve desacato, e o inspetor, irritado, atravessou a rua e mandou raspar o cabelo - o jovem tinha as melenas muito bonitas - ainda não havia xampu, mas devia ser muito bem lavado com sabonete das “estrelas” - então o inspetor mandou cortar o cabelo do rapaz, passou a máquina bem no meio, ficou ao contrário dos últimos moicanos, ficou aquele caminho na cabeça do rapaz. ... Chegou ao meu conhecimento, eu tinha um programa - Bailável Fonseca Júnior, era um programa de todos os sábados, das 22 até 24 h, na rádio Pelotense - e, eu comentei na rádio e comentei jocosamente. Não lembro o que o rapaz tinha feito, sei que era uma coisa também criticável ... a polícia prendeu e o inspetor fez isso. Na ocasião, eu comentei o assunto, e disse, efetivamente ao inspetor de polícia, que seria muito bom que todos que cometessem aquele tipo de delinquência (específica o tipo de delinquência e, no entanto, não se recorda da mesma), sofressem aquela sanção ... eu era mais jovem, hoje não diria isso, porque sei que é uma violência contra a pessoa ... No que tange a “limpeza” e manutenção da “moralidade” nos espaços de lazer da sociedade pelotense, Paulo Corrêa Argumenta: ... eles eram muito agressivos, os homossexuais, **saíam em bandos e repito saíam em bandos, no meio de outros delinquentes** ... parecido com arrastão, saíam em grupos, aos gritos. Delinquentes, delinquentes mesmo! Agrediam as pessoas, assaltavam até! Eu não sei se cortaram o cabelo de mais alguém, se cortaram, eu tenho um pouquinho de culpa e me penitencio - provavelmente os cabelos já devem ter crescido - mas, na verdade, a polícia fez muito bem em cobrir o movimento que estava se processando por ali, limpou, fez muito bem. É o que precisava fazer hoje, de novo, pelo que eu leio, mas agora no outro lado da Praça (Coronel Pedro Osório), pelo que estão contando é pelo lado da Félix da Cunha...”*

Diante desses depoimentos, fica-me claro o quanto a sociedade pelotense - tal como no passado, época de auge das charqueadas - agiu de forma a segregar o diferente, neste caso os homossexuais masculinos, marginalizando-os, punindo-os e, para tanto, apoiando-se em “mecanismos de poder” - meios de comunicação (neste caso, especificamente, o rádio) e a lei (atuação da polícia) -, que em nome de uma “urgente ordem pública”, justificou-se um preconceito pujante na sociedade pelotense, bem como legitimaram-se os “discursos de saber” e os “dispositivos de poder”, sustentados, neste caso, no espaço social da cidade de Pelotas. (FOUCAULT, 1993:11-2)

No que tange a reação da sociedade pelotense, em relação a representação que recai sobre a cidade, quando então são feitos comentários “jocosos” sobre a mesma, tanto no passado, - como demonstrou a reação do radialista Paulo Corrêa em relação aos comentários do “Dr. Pelotas”, na década de 50 - como no presente¹⁰, parece despertar uma imediata negação da representação, tratando-a com indignação, atitudes essas, explicitadas nos seguintes depoimentos:

*“Na verdade, não foram os pelotenses, que botaram a fama, foram outros **municípios ... despeitados**, porque estavam perdendo o seu espaço cultural, seus estudos ... e agora nós estamos pagando o tributo. **A fama foi a maneira de projetar Pelotas, a nível mundial.**”*
(Mateus)

¹⁰ Em vários depoimentos, os informantes rejeitam a representação de um “folclore gay”, argumentando que esta não reflete a realidade da cidade. Durante o trabalho de campo obtive a cópia de um ofício - emitido em julho de 1995, pela INTEGRASUL (Fundação Municipal de Integração Turístico Cultural do Sul) ao diretor-editor do jornal Kronika, de Porto Alegre - cujo conteúdo retrata a reação de indignação da cidade quando abordada sobre a representação que sustenta sobre ela.

10 *Folclore Gay de Pelotas*: sobre...

“Eu diria que 85% da fama de ridicularizar o homem pelotense é devido a sua atuação extraordinária no campo artístico, homens e mulheres de expressão e noticiário internacional ... a relação entre Pelotas e Porto Alegre, sempre foi uma relação de inveja. Na época da colonização, Pelotas era uma cidade e Porto Alegre uma vila, sempre houve por parte dos portoalegrenses a necessidade de difamar os pelotenses...”¹¹ (Otacílio José)

Com base na “campanha” dirigida por Paulo Corrêa em Pelotas; no episódio do “Dr. Pelotas” (personagem do programa “Campeonato em Três Tempos”) realizado na Rádio Gaúcha de Porto Alegre, bem como nos últimos depoimentos aqui citados, sustenta-se a idéia do quanto a representação de Pelotas tende a gerar relações sociais ambíguas, ou seja, diante de certos depoimentos percebe-se um caráter de acolhimento atribuídos pelos homossexuais masculinos em relação a cidade, enquanto, por outro lado esta representação faz com que se manifeste tensionamentos tanto a nível interno quanto externo. Atenta-se aqui para conflitos nas relações sociais masculinas, inclusive ultrapassando as “fronteiras” da cidade.

De fato, como foi dito no início deste trabalho, um dos aspectos que considerei mais relevantes desta representação, e que procurei demonstrá-lo aqui, refere-se ao fato de que esta se atualiza, não se tratando de mera “sobrevivência cultural”. É na atualização desta representação, que se percebeu não somente os tensionamentos sociais decorrentes da representação de frescura da cidade, mas, principalmente, o que sustento ser a “chave-mestre” desta representação, ou seja, o quanto a cidade projeta-se por uma marca distintiva.

“...Pelotas, mesmo sem querer, criou um marketing ... ela deve capitalizar essa fama. Pelotas tá com o nome vendido!” (Flávio)

De acordo com um dos informantes, ao referir-se sobre o que as pessoas de outras cidades pensam sobre a representação, argumentou-me:

“... para as pessoas de classe alta, Pelotas tem a fama dos doces, das artes e das mulheres bonitas ... e para as de classe baixa, Pelotas é a fama de veados.” (Alex)

O fato de vincular-se Pelotas a uma representação, parece ter percorrido boa parte, senão, a maioria de sua própria formação histórica. Desde freguesia até seus dias atuais, encontram-se diversos atributos dados à cidade de Pelotas - *requinte, pomposidade, refinamento, corte aristocrático, atitudes cavalheirescas* - que demonstram, por um lado, sustentar a representação que é feita à cidade e, por outro lado, reforçar o caráter distintivo cunhado por esta há mais de um século. Se, em seus primórdios, Pelotas destacou-se por “**ares salgados**”, provenientes do sucesso obtido com a indústria saladeril (charque), embora não se possa precisar a época, o fato é que, neste século, Pelotas é novamente destaque, porém, agora, ironicamente, por sua **doçura**.

Doçura esta que levou Pelotas a desfrutar de renome, ultrapassando as fronteiras do país e hoje, faz com que a sociedade orgulhe-se, homenageando suas antigas confeitarias -

¹¹ O informante prossegue seu depoimento, citando-me nomes de pelotenses e fatos ocorridos na cidade, que, segundo esse, exemplificam o quanto Pelotas merecia ser invejada - Zola Amaro (soprano de renome); Leopoldo Gotuzzo (artista plástico); Vera Maria Brauner de Oliveira (“Miss Beleza Internacional”); Iolanda Pereira (“Miss Universo”); “Mequinho” (campeão mundial de xadrez); “Glória Menezes” (atriz principal do primeiro filme brasileiro a conquistar o prêmio Palma de Ouro no Festival de Cannes). No entanto, tais “exemplos” (como foi visto pelo informante), considerei-os pertinentes de serem explicitados aqui, por traduzirem-se para este trabalho, como elementos que enfatizam o caráter distintivo cunhado pela cidade.

Nogueira, Brasil, Abelha, Gaspar, Dalila - consideradas, na época, um cartão de visitas da cidade e, perpetuando esta representação de cidade doceira com a realização da FENADOCE (Feira Nacional do Doce), destacando-a como um dos principais eventos turísticos da cidade.

Finalmente, considero que a representação dos doces, caramelados e cristalizados pelotenses, hoje estão envolvidos de uma outra “doçura”, que faz com que a cidade também tenha um caráter distintivo e, porque não dizer, de forma bem mais expressiva, embora seja menos desejada e/ou admitida pela cidade, ou seja, refiro-me aqui ao tão “**famoso folclore gay**” de Pelotas.

BIBLIOGRAFIA

- ARIÈS, P. & BÉJIN, A. (Orgs). Sexualidades Ocidentais. São Paulo, Brasiliense, 1987.
- BOURDIEU, P. A Dominação Masculina. Porto Alegre, UFRGS, 1992.
- CADERNOS DE ANTROPOLOGIA Nº 7. Cultura e Identidade Masculina. Porto Alegre, UFRGS, 1992.
- CADERNOS DE ANTROPOLOGIA Nº. 11. Memória e Identidade. Porto Alegre, UFRGS, 1993.
- CARDOSO, R. (Org.) A Aventura Antropológica: Teoria e Pesquisa. São Paulo, Paz e Terra, 2ª ed., 1988.
- DA MATTA, R. Relativizando: uma introdução a antropologia social. Petrópolis, Vozes, 1981.
- FOUCAULT, M. História e Sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Grall, 1993. Vol.1.
- GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.
- LEAL, O & BOFF, A. Insultos, Queixas, Sedução e Sexualidade: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional. In: Seminário Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro, UFRJ, 1994.
- LE GOFF, J. História e Memória. Campinas, UNICAMP, 1992.
- MAGALHÃES, M. Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a cidade de pelotas (1860 / 1890). Pelotas, UFPEL, 1993, p.119.
- MEAD, M. Sexo e Temperamento. São Paulo, Perspectiva, 1988.
- NOLASCO, S. O Mito da Masculinidade. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.
- OLIVEN, R. A Parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil - Nação. Petrópolis, Vozes, 1992.
- OSÓRIO, F. A Cidade de Pelotas. RS, Globo, 1962.
- PARKER, R. Corpos, Prazeres e Paixões: a cultura sexual no Brasil Contemporâneo. São Paulo, Best Seller, 1991.
- ROSALDO, M. O Uso e Abuso da Antropologia: reflexões sobre o fenômeno e o entendimento intercultural. In: Horizontes Antropológicos: Gênero. Ano 1, nº 1. Porto Alegre, UFRGS, 1995.
- VALLANDRO, A. (Coord.). Doces de Pelotas. Porto Alegre, Globo, 1959.
- VELHO, G. Desvio e Divergência: uma crítica da patologia social. Rio de Janeiro, Zahar, 1989.
- _____. Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar, 1987.
- WINCKLER, C. Pornografia e Sexualidade no Brasil. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1983.

PERIÓDICOS

JORNAL ZERO HORA, Porto Alegre, edições de 06/12/95; 20/01, 25/05, 1º./06/96.

JORNAL FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, edição de 30/09/95.

JORNAL D.O. LEITURA, São Paulo, edição de 10/01/92.

MINI JORNAL "PONTO GAY CLUBE", Pelotas, edição de 18/10/85.

JORNAL TRIZ, Pelotas, ano 1, nº. 1, outubro de 1976

A DOCE VIDA - Folha de Cultura, Turismo & Lazer - Pelotas, ano 1, nº. 1, Janeiro de 1996.

JORNAL KRONIKA, Porto Alegre ano 18, nº 319.

JORNAL DIÁRIO POPULAR, Pelotas, edições de 26/02, 30/04, 13/05, 09/07, 21/07, 20/08 e 25/11/1995; 14/01, 28/01, 04/02, 23/02, 24/02, 25/02, 21/04, 15/06, 19/06, 10/07/1996.

